

O CONGRESSO DO PORTO

por Mário Soares

O Congresso do Partido Socialista Europeu que teve lugar no Porto, nos dias 6, 7 e 8 do corrente mês de Dezembro, foi um acontecimento importante, que não deve passar despercebido da opinião portuguesa. Não só por ter reunido líderes socialistas, social-democratas e trabalhistas, europeus e mundiais, a convite de José Sócrates (que foi o anfitrião, a pensar na presidência portuguesa da União Europeia, que terá lugar no segundo semestre de 2007), de Martin Schulz o actual líder do grupo parlamentar socialista do Parlamento Europeu e de Poul Ramussen, o agora reeleito presidente do PSE; mas também por assinalar a presença de personalidades como: Segolene Royal, a candidata a Presidente da República Francesa, Jacques Delors, Howard Dean, presidente do Partido Democrata americano, Romano Prodi, primeiro ministro de Itália, Wallid Jumblatt, chefe dos drusos do Líbano, Josep Borrell espanhol, Presidente do Parlamento Europeu, para só citar alguns cujos discursos foram mais marcantes.

Contudo, o mais importante que resultou do Congresso foi o tom novo utilizado nos discursos e declarações, reflectindo a "mudança dos ventos" nos Estados Unidos, o que explica, em parte, os fortes apelos e as críticas implícitas, dos europeus, para que a União Europeia, desperte, vença o torpor em que se deixou cair e assuma o lugar que lhe compete no novo contexto internacional, que está a nascer sob os nossos olhos...

Não foi só o Papa que mudou de opinião, pronunciando-se agora em favor da entrada da Turquia na União Europeia, mas também muitos dos políticos europeus que ficaram silenciosos ou evasivos, quando da invasão do Iraque - e, antes, da intervenção no Afeganistão - e que agora proclamam a necessidade urgente de ouvir os líderes do Irão sobre o futuro do Iraque, de auscultar a Síria, por causa da horrorosa invasão do Líbano, e de pressionar Israel, antes que seja tarde de mais, para pôr fim às "humilhações e violências" infligidas aos palestinianos, de modo a que o Médio Oriente evite o caos incontrolável anunciado, que marcaria, a verificar-se, o começo da decadência do Ocidente.

Nesse aspecto, temos de sublinhar a fidelidade de Tony Blair a Bush (digo-o com ironia, obviamente) que, em vez de estar no Porto, ao lado dos seus pares socialistas europeus, voou para Washington, a fim de encontrar Bush e estabelecerem um "novo enfoque" (a expressão é deles) a dar à grave situação do Médio Oriente, tendo em conta as conclusões arrasadoras, para ambos, do relatório Baker. Mas como? Se quer um quer outro ainda não fizeram, não tiveram essa coragem, a auto-crítica que se impunha, quanto aos erros - para não falar em crimes - que cometeram, dando falsas justificações para a invasão e enganando, conscientemente, os seus povos? Declarou Bush no rescaldo da reunião com Blair: "vou pedir maiores responsabilidades ao Irão e à Síria". Mas com que autoridade e força o poderá hoje fazer? Se tanto o Irão como a Síria - ex-países do "eixo do mal" - sentem perfeitamente que a relação de forças no Médio Oriente se alterou, radicalmente, a favor deles?

Blair dispôs-se mesmo a ir a Israel - pela terceira vez, nos últimos meses - visto considerar, agora, que a chave para encontrar uma solução para a crise do Médio Oriente reside em pôr fim ao conflito israelo-palestino. Mas que peso e autoridade terá hoje Blair, aos olhos dos dirigentes da Palestina e, mesmo, de Israel, que se encontra num dos períodos mais difíceis e perigosos da sua história, como Estado, depois da política suicida que empreendeu contra a Palestina e o Líbano, com o aval anglo-americano?

Os líderes socialistas europeus, reunidos no Porto, mostraram ter compreendido tudo isto e evidenciaram alguma má consciência pela paralisia submissa - e a omissão generalizada - em relação ao Médio Oriente, em que deixaram cair a União Europeia. É certo que a União é composta por várias famílias político-ideológicas e que a socialista não é, na conjuntura que se tem vivido, maioritária. O que atenua, de certo modo, a sua responsabilidade. Mas tem uma enorme influência - sempre teve - e não a usou como deveria. O que é grave.

Talvez, por isso, foi ouvido com tanto agrado o discurso do americano Howard Dean. Na verdade, este não só condenou o unilateralismo americano, os atentados cometidos em Guantanamo e noutros locais contra os Direitos Humanos e os resultados negativos da globalização, como anunciou o advento de uma nova era, em que o comportamento americano em relação aos seus parceiros mudará, deixando de ser autista e interesseiro, para voltar ao primado da diplomacia sobre a força e a políticas preocupadas com a defesa do ambiente, da solidariedade e da justiça social. Já não era sem tempo!

Paralelamente, Delors e Prodi defenderam o reforço do Estado, no quadro europeu, para assegurar o modelo social europeu, sem o qual não haverá "sociedades de bem estar" nem paz, baseada na justiça.

Alguns comentadores, ainda influenciados pelas teorias dos neo-cons e pelo neo-liberalismo especulativo, que nos têm arrastado para um desastre previsível, atreveram-se a afirmar que aquilo que se ouviu no Porto foram "receitas do passado". Que atrevimento e que ignorância! A Europa se não avançar para uma Europa Política, Social e Ambiental e não definir uma política económica coordenada, que se imponha ao mero monetarismo especulativo, entrará numa irremediável decadência, caindo em terríveis conflitos internos, voltando, então sim, aos ominosos tempos do passado. Esperemos que isso não aconteça. Que a União Europeia reforce a parceria na igualdade com os Estados Unidos, com a "verdadeira América", como disse Sócrates, a que nos deu estadistas como Roosevelt, Truman ou Kennedy.

Lisboa, 11 de Dezembro de 2006